



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11279 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 21/GT 23 - Educação, Gênero, Etnia e Sexualidade

PEDAGOGIA DECOLONIAL: práxis de enfrentamento da LGBTfobia na Arte Educação.

Antonio Mateus Pontes Costa - UNIFAP - UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Alexandre Adalberto Pereira - UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

PEDAGOGIA DECOLONIAL: práxis de enfrentamento da LGBTfobia na Arte Educação.

INTRODUÇÃO

O presente resumo, encontra suas origens em uma investigação de mestrado em educação tendo sua centralidade em torno da potencialidade de transgressão e enfrentamento a LGBTfobia na educação. Junto das perspectivas de Professores de Artes do estado do Amapá, o estudo debruçou-se em investigar os limites que a concepção da Pedagogia Decolonial como base no tensionamento face a violência contra LGBTs na educação. Partindo do apontamento da decolonialidade, buscou entender como Professores realizam em suas práxis fissuras entendidas como de uma ação decolonial de maneira a transgredir e enfrentar a LGBTfobia.

Pensando e problematizando a partir da Pedagogia Decolonial e acionando rompimentos nos tradicionalismos provocados pela colonização, sendo essa proposta uma possibilidade para a superação da LGBTfobia, assim, a partir dos destaques, levantou-se seguinte questão de pesquisa: **quais as possibilidades pedagógicas, alinhadas à decolonialidade, que podem ser visualizadas na arte educação de forma a ocasionar enfrentamentos à LGBTfobia?**

MÉTODOS

Foram pensados para a investigação que origina esse resumo expandido a participação de 3 professores e 1 professora de Artes efetivos da área urbana de Macapá e rural de

Santana, ambos municípios no Estado do Amapá, que foram selecionados a partir de um questionário realizado de maneira virtual enviado via *e-mail* ao universo de 54 professores de artes do ensino estadual que realizaram formação continuada em BNCC no ano de 2019. A partir das respostas de 4 arte educadores, foram realizadas as entrevistas semi-estruturadas que compõem o escopo dos resultados.

A pesquisa partiu do pressuposto metodológico da abordagem qualitativa, que é descrita por Chizzotti (2007), como sendo uma conjunção crítica de oposição aos tradicionalismos da ciência moderna e propõem investigar as questões sociais. Como Método de pesquisa, por questões relativas a pandemia de COVID-19 as entrevistas foram realizadas de maneira síncrona em plataforma virtual de vídeo, optasse pelo uso da entrevista semi-estruturada, por ser a técnica de coletas de dados coerente com a pretensão da pesquisa, que foi a busca de respostas mais profundas guiadas por perguntas primárias e progredindo a questionamentos mais complexos sobre as realidades das escolas e das discussões sobre as diversidades da sexualidade e do gênero em seus lugares de trabalho.

DISCUSSÕES

A perspectiva decolonial é, sobretudo, o clamor por justiça das pessoas oprimidas pelos processos coloniais e seus desdobramentos sociais em termos de colonialidade. É um clamor justo e necessário da mulher tida como objeto sexual, da população negra que foi escravizada e dos LGBTs que não são vistos como sujeitos de sexualidade. Sujeitos que em suas existências sociais tiveram sua humanidade roubada pela colonialidade, em termos de uma dominação erótica e sexual de mulheres e LGBTs; da criança tida como sujeito a aprender o conhecimento eurocêntrico (dominação pedagógica); do pobre e do negro tidos como subalternos (dominação racial, econômica e de classe). Trata-se de um movimento de liberdade do povo oprimido em busca de uma revolução antitortura, antiopressiva, anticolonial e antirracista, para a possibilidade de levante político, social, ontológico e epistemológico e pedagógico dos subalternos da colonização.

Para a investigação foi adotada a perspectiva decolonial, em sua vertente educacional, pois, a partir dos estudos históricos de Walsh (2017), Mota Neto (2015) Curiel (2013), Grosfoguel (2012) e Lugones (2008) que as ideias de gênero e sexualidade foram instituídas por uma violência colonial que silenciou, a partir, de necropolíticas as pessoas que não se encaixem na égide normativa eurocentrada. Ademais, a essas discussões recorre-se a Moura (2019) que provoca a reflexão sobre uma Arte Educação decolonial, repensando o ensino de arte tradicional e o dissipando ao mesmo tempo em que germina um debate sobre possibilidades outras de vez e voz das pessoas subalternizadas pela colonialidade.

Desse modo, entende-se a partir da perspectiva decolonial, enquanto teoria central desse estudo, a sua ramificação na educação, sendo essa, a Pedagogia Decolonial. Para Walsh (2017) seria um espaço de reconstruir o que foi negado aos povos viventes atualmente na

América Latina, durante a dominação colonial, construindo novas formas de pensar e fazer educação. No caminho de pensar a partir de suas vivências, a Pedagogia Decolonial provoca a ruptura com os mecanismos de opressão da colonialidade.

Portanto, a Pedagogia Decolonial, segundo Mota Neto (2015): está ligada ao interesse dos oprimidos; rejeita a violência da modernidade; reconhece a razão das vítimas da colonialidade; não reproduz o *modus operandi* da opressão; requer educadores subversivos; estabelece relações com os saberes dos oprimidos; valoriza as memórias coletivas; projeto teleológico que se engaja na transformação social; supera a dominação; se engaja na luta dos movimentos sociais; se alinha a outras coordenadas epistêmicas; é utópica e dialógica; trata-se de um projeto alternativo de libertação política, econômica, ecológica, erótica e pedagógica da humanidade; se engaja numa luta revolucionária.

Destarte, de modo a compreender a ação reflexiva provocada pela Arte Educação, Moura (2019) indica uma desobediência docente, que se provoca ruptura, apresenta a potência de a Arte Educação ser essa efervescência na educação de transgressão, sobretudo alinhada a uma perspectiva educacional que entendida como decolonial, mesmo que a Arte Educação ainda esteja relacionada a uma matriz colonial de organização. Portanto sendo “processos educativos em arte [...] que legitimem epistemes anti-hegemônicas, não-eurocêntricas; que criem identificação com a América Latina nas dimensões artísticas, históricas, sociais, culturais; e ampliem o espectro para uma consciência decolonizada” (MOURA, 2019, p. 42).

Sendo assim, normatização de uma sexualidade hegemônica a partir da heterossexualidade ocorre como consequência da colonização, que estabeleceu social, cultural e politicamente a heterossexualidade como sendo a norma. Nesse sentido Curiel (2013), Grosfoguel (2012) e Lugones (2008) entendem que a heterossexualidade e os comportamentos de gênero foram construídos a partir da colonização europeia e moderna silenciando e apagando outras formas de existências que não fossem a heterossexual, branca e masculina alterando as maneiras de ser dos sujeitos vítimas dessa invasão. “las relaciones homosexuales, en tiempos de la conquista y de la sociedad colonial, fueron silenciadas y eran consideradas irrelevantes” (CURIEL, 2013, p. 146).

Portanto, conforme a colonialidade a heterossexualidade é atribuída como norma a todas as pessoas independente do gênero, assim como os comportamentos a serem seguidos conforme a identidade de gênero binária da modernidade. O combate à imposição que foram colocadas durante anos de exploração, é pensado junto de uma pedagogia oportunizando a transgressão dos processos de dominação colonial e que contribua para esse giro, sendo primordial na luta dos subalternos. Portanto, a discussão da decolonialidade provoca tensionamentos que oportunizam as vozes subalternas, de modo a viabilizar as necessidades das pessoas oprimidas ao longo da história de dominação colonial latino-americana.

RESULTADOS

Ao longo da pesquisa, foram percorridos caminhos teóricos que envolvem aspectos históricos, políticos, sociais e pedagógicos sobre a Decolonialidade e a Pedagogia Decolonial e, nesse momento, se percorrerá pelos caminhos analíticos que envolvem investigação. Através da aplicação das entrevistas, ocorridas de maneira virtual no segundo semestre de 2021 nos dias 03/08/2021 com o professor Da Silva, 13/08/2021 com o professor Ribeiro, 14/08/2021 com a professora Coelho, e no dia 17/08/2021 com o professor Dos Santos, os dados foram coletados. Para o presente resumo foram consideradas as falas organizadas a partir de perguntas que discorrem sobre diversidade e possibilidades outras de pedagogias que enfrentem a LGBTfobia na educação.

Ao longo do roteiro de entrevista foram pensadas questões que fossem capazes de escavar e apresentar as abordagens dos colaboradores que participaram do estudo sobre as perspectivas outras dentro da educação que se entendeu ao longo da investigação como de uma práxis decolonial. Sobretudo possibilidades novas que possam se engajar com a diversidade e pedagogias outras que engajem rupturas com os tradicionalismos educacionais vigentes na contemporaneidade. Perguntou se sobre a existência de pedagogias outras que possam romper e provocar a ruptura do tradicionalismo e da hegemonia que permeia a educação brasileira.

Nesse sentido, o professor Da Silva (2021) responde que “que não tem um modelo, um padrão, mas eu *acho* que existem várias formas. Porque *a gente tem* exemplos de educação... de outras formas de educação (DA SILVA, 2021)” É notável perceber que Da Silva (2021) acredita na existência de novas e variadas potencialidades pedagógicas que possam ser outras, anti-hegemônicas e que se configuram a partir de uma perspectiva de outros saberes. Mesmo sem dizer sobre a perspectiva decolonial, ele parece compreender que a escola precisa ser uma construção coletiva, como descreve Mota Neto (2015) ao dizer que a Pedagogia Decolonial tem o caráter coletivo.

Já o professor Ribeiro (2021) diz que “muitas vezes tem professores que fazem isso [falam sobre a diversidade em sala de aula] e nem *sabe* que estão realizando essa educação na contra mão de uma educação enrijecida, tradicional que ainda é centrada na figura do professor tecnicista [...]. Então a própria **decolonialidade** nos ajuda a pensar dessa forma (RIBEIRO, grifo nosso, 2021). Em sua fala, o professor Ribeiro (2021) descreve e entende a própria decolonialidade a partir de suas palavras como sendo uma possibilidade. A reflexão que o professor Ribeiro (2021) faz sobre a existência de potências educacionais que se ligam com a perspectiva de Paulo Freire, ajuda-nos a compreender que a possibilidade decolonial para a educação pode ser uma opção antagônica à educação enrijecida e tecnicista. Mota Neto (2015) complementa a ideia acima ao dizer que Freire preocupou-se sobretudo com as divisões e demarcações violentas que os colonizadores provocaram nos povos vítimas da colonização.

Em seguida, a professora Coelho (2021) apresenta uma reflexão mais indicada pelo caminho da diversidade ao ser questionada sobre potenciais outras na educação. Nesse sentido, foi perguntado à professora como um desdobramento da pergunta inicial, se ela compreende que possam existir outras possibilidades pedagógicas e que sejam alinhadas a contra hegemonia. A professora nos responde que a arte é esse lugar de existência de pedagogias engajadas com a diversidade. “A arte pode fazer isso dentro, *sabe*, do componente de arte, em si. Ela perpassa por tantos campos, por tantas áreas, ela é primordial. Contudo é necessário ter cuidado para não virar o fazer por fazer” (COELHO, 2021). Conforme a professora Coelho (2021) as discussões sobre diversidade vieram de maneira orgânica por parte dos alunos, principalmente devido a debates nascentes nas redes sociais, vistos por estudantes em seu dia-a-dia e que adentraram ao espaço da escola. É possível compreender que a professora Coelho (2021) faz o destaque porque esses debates das redes sociais vêm sem nenhum ou quase nenhum embasamento ou comprovação, e acaba gerando mal-estares entre estudantes e docentes na hora que se fala sobre.

É importante ter em mente que a Arte Educação é um lugar onde essas possibilidades decoloniais podem ocorrer com êxito. Moura (2019) afirma que essas potencialidades desobedientes em Arte Educação podem ocorrer, desde que professoras e professores de artes consigam pensar em “processos educativos em arte [...] que legitimem epistemes anti-hegemônicas, não-eurocêntricas; que criem identificação com a América Latina nas dimensões artísticas, históricas, sociais, culturais; e ampliem o espectro para uma consciência decolonizada” (MOURA, 2019, p. 42).

Nesse sentido, desdobrando a discussão para a diversidade intencionado pela professora anterior, visualiza-se o professor dos Santos (2021) que destaca para que exista o debate da diversidade dentro da educação é necessário que professoras e professores consigam compreender e atualizarem-se a respeito dos conhecimentos da diversidade. Afirmando que “é preciso começar pelos professores, eles precisam estar capacitados para trabalhar com isso [diversidade, sexualidade], não apenas com a sexualidade, mas dentro de outras áreas do conhecimento” (DOS SANTOS, 2021). Aqui o professor dos Santos (2021) destacou sobre o conhecimento da sexualidade adentrando a principal discussão epistemológica, social, política e pedagógica da investigação. Nesse sentido, para Curiel (2013), a ideia central da heterossexualidade ocorre a partir de uma institucionalização política que promove essa sexualidade unívoca como a central, a partir de um regime que configura a noção eurocêntrica como sendo a norma, essa institucionalização impede que outras sexualidades que organicamente estão na escola floresçam e ganhem o espaço nos debates gerados por educadores.

Retomando ao ponto que alicerça a discussão sobre a LGBTfobia nos ambientes escolares. Nesse sentido, nas palavras do professor da Silva (2021) sobre o enfrentamento a LGBTfobia, ele diz ser necessário “educar e capacitar os nossos professores para isso, porque *a gente percebe* que tem muito professor que nem entende direito. Se você for perguntar para um professor o que significa, por exemplo, o que é a sigla [LGBTQIA+] hoje, eles não vão

saber (DA SILVA, 2021). Esse não saber sobre a LGBTfobia é compreendido como um reflexo da demarcação colonial sobre as sexualidades e o gênero, que segundo Curiel (2013) e Lugones (2009) foram construídas ao longo da invasão da América Latina para serem sempre subalternizadas.

Desta forma, o professor Ribeiro (2021) chama à atenção para o fato de a Arte Educação conseguir ter uma liberdade maior para o debate sobre a diversidade. Ele depreende que a Arte Educação vem se abrindo para as discussões da LGBTfobia, sexualidade, diversidade de gênero e é o que explica Moura (2018) ao dizer que, mesmo que a Arte ainda esteja muito ligada a uma matriz de conhecimento colonizada, ela, aos poucos, está se abrindo, sobretudo a partir do debate decolonial. Gorsfoguel (2012) contribui a essa discussão ao dizer que a colonização ainda gesta na contemporaneidade dos lugares outrora colônias, formas normativas de pedagogias, de gêneros e sexualidades que estão vinculados a pressupostos normativos eurocentricos não abrindo espaço para outras formas de ser e de saber.

O professor Dos Santos (2021) e a professora Coelho (2021) concordam ao dizer que existe por parte dos estudantes em sala de aula uma efervescência em se falar sobre a sexualidade, contudo, destacam sobre o receio de muitos educadores o realizarem, pois, pais e responsáveis podem entender como uma espécie de doutrinação de sexualidade. Lugones (2008) comentava exatamente sobre um pavor que os colonizadores tinham em ter contato com os nativos por não quererem compreender suas organizações de sexualidade e gênero, possivelmente perdurando até os tempos atuais, isso foi construído sem que seja percebido nas sociedades que foram colonizadas. Conseqüentemente, a potencialidade de existência professores que anseiam a discussão sobre sexualidade, gênero e LGBTfobia na educação é latente.

Nesse sentido, ao longo das análises, observou-se que ainda existem diversas possibilidades e empasses, quando se trata de discutir a sexualidade (em especial a violência LGBTfóbica) na educação. Professoras e Professores têm ainda o desafio de compreender como realizar a conversa sobre diversidade, que pode fomentar o enfrentamento a LGBTfobia. Foi observado durante a investigação, a partir das respostas dos colaboradores, que a Pedagogia Decolonial se faz presente em uma educação que possa se engajar em promover esse debate. Portanto, compreendeu-se ser a Pedagogia Decolonial uma ferramenta de transgressão e de enfrentamento a LGBTfobia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As possibilidades pedagógicas alinhadas à decolonialidade presentes na arte educação, em especial, nas formas como os colaboradores conduzem suas aulas, de modo a ocasionar o enfrentamento da LGBTfobia servem como exemplo de como, apesar da forte orientação colonial da pedagogia contemporânea, inclusive na Arte Educação, se pode semear debates

por entre os vãos dos silenciamentos. Foram sementes rebeldes as ações dos professores e da professora quando falaram ou quando realizaram os debates sobre sexualidade e diversidade de gênero em seus ambientes escolares, de modo espontâneo, ou quando a demanda vem dos estudantes, ou quando ocorreram situações de violência na escola.

A Pedagogia Decolonial ajuda no enfrentamento e na transgressão da LGBTfobia, ao levantar o debate crítico na educação, e fomenta, em especial no recorte a que se propôs a investigação que origina esse resumo expandido, na práxis da Arte Educação, momentos contínuos de conversas alinhadas à rebeldia e à efervescência decolonial, capazes de romper com tradicionalismos educacionais, que comprometem o debate sobre a diversidade e que impendem o enfrentamento da LGBTfobia.

Palavras-chaves: Pedagogia Decolonial, Sexualidade, Arte-Educação, LGBTfobia.

REFERÊNCIAS

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

COELHO, Professora. **Entrevista 3**. [14 de agosto de 2021]. Macapá, 2021. Arquivo 1 (1h 23min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita em posse do pesquisador

CURIEL, Ochy. **La Nación Heterosexual: Análisis del discurso jurídico y el régimen heterossexual desde la antropología de la dominación**. Bogotá: Impresol Ediciones, 2013.

DA SILVA, Professor. **Entrevista 1**. [03 de agosto, 2021]. Macapá, 2021. Arquivo 1 (1h 55min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita em posse do pesquisador.

DOS SANTOS. Professor. **Entrevista 4**. [17 de agosto de 2021]. Macapá, 2021. Arquivo 1 (1h 33min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita em posse do pesquisador.

FLICK, Uwe. **An introduction to qualitative research**. London: Sage Publications Limited, 2009.

GROSFUGUEL. Ramóm. **Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna decolonial**. Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos – SP, 2012.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. Bogotá, Colombia: **Tabula Rosa**, No. 9: 70-101, 2008.

MOTA NETO, João Colares da. **Educação popular e pensamento decolonial latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. 2015. 368 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2015. Programa de Pós-Graduação em Educação.

MOURA, Eduardo Junior Santos. Des/obediência docente na de/colonialidade da Arte/Educação na América Latina. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, V. 6, n. 2, p. 313-325, maio/ago. 2019.

RIBEIRO, Professor. **Entrevista 2**. [13 de agosto de 2021]. Macapá, 2021. Arquivo 1 (1h 34min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita em posse do pesquisador

WALSH, Catherine. Gritos, grietas y siembras de vida: Entretejeres de lo pedagógico y lo decolonial. In: WALSH, Catherine (org). **Pedagogias decoloniales: práctias insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. TOMO II. Quito, Equador: Ediciones Abaya-Yala, 2017.